

Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

Lula, Lara e Lincoln

Não estamos à beira de guerra civil, mas urnas e contas mostram País dividido e endividado

O mercado financeiro e o noticiário passaram a semana discutindo se a proposta do economista André Lara Resende para reduzir os juros acabaria com o Brasil ou nos salvaria do crescimento da dívida. Pelo tom do debate, parecia que o governo já havia adotado o estudo como nova cartilha econômica.

Foi preciso que o ministro da Fazenda, Dario Durigan, negasse qualquer movimento nessa direção. E que o próprio Lara Resende, um dos pais do Plano Real, explicasse que não havia conversado com Lula: apenas publicara um texto (em setembro!).

Para o economista, tentaram queimar suas ideias antes que chegassem ao Planalto. Mas há outra hipótese: o barulho também pode ter servido para arrancar de Lula, agora reeleito, pistas sobre os planos e a equipe econômica de seu próximo mandato. Afinal, o presidente venceu a eleição, mas ainda não revelou quem ficará com a conta.

A movimentação revela a ansiedade diante do problema fiscal. Na campanha, nem Lula nem Flávio Bolsonaro apresentaram um caminho detalhado para equilibrar as contas. E quem refletiu por pelo menos 20 segundos sobre o assunto já deve ter concluído que não há solução indolor: será preciso discutir despesas, receitas, dívida e o preço político de cada escolha.

Lula terá pela frente um Congresso com a oposição em vantagem. Quatro anos de queda de braço podem produzir um governo paralisado por inanição: com a faixa presidencial, mas sem espaço de ação.

Ao assumir a presidência dos Estados Unidos, em março de 1861, Abraham Lincoln encontrou um país profundamente dividido, à beira da Guerra Civil. A escravidão estava no centro do conflito, estados do Sul já haviam declarado sua separação, e a disputa política ameaçava a própria existência da União.

Lincoln poderia ter se cercado de aliados fiéis para enfrentar seus adversários. Preferiu trazer para o governo antigos adversários políticos. Não eram separatistas, mas divergiam entre si e do presidente, que reconheceu neles capacidade para enfrentar um desafio maior: preservar a União.

O Brasil não está à beira de uma guerra civil, mas as urnas e as contas mostram um País dividido e endividado. Será que Lula conseguiria reunir adversários em torno de um projeto econômico que sobreviva às disputas partidárias e ao tempo?

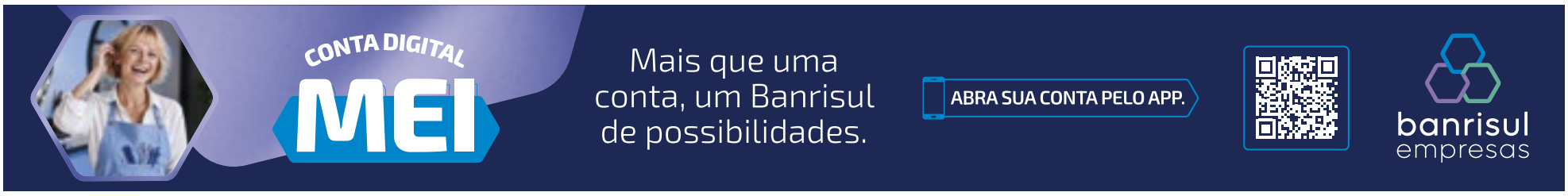
Não estou aqui sugerindo entregar a Fazenda a um Bolsonaro, claro. Além da questão intelectual, é preciso lembrar que da prisão domiciliar ou de Miami haveria pouco tempo para fazer o que o País precisa.

A ideia é outra: buscar nomes de peso, respeitados inclusive fora do campo governista, dispostos a construir uma agenda fiscal que não precise ser reinventada a cada eleição.

Gente capaz de discordar do presidente sem desejar o fracasso do governo.

A diferença está em estabelecer objetivos comuns e exigir compromisso com eles, não fidelidade partidária nem a (infelizmente) tradicional política de agrado aos donos de partidos.

A dívida pública continuará existindo depois de Lula, como existia antes dele. O presidente já mostrou que sabe derrotar seus adversários nas urnas e mobilizar a população. Resta saber se consegue criar uma equipe para buscar uma resposta que ainda não foi dada com clareza por ninguém. E que atinge os 214 milhões de brasileiros, independentemente de seus votos.



Hotel de luxo de R$ 130 milhões inaugura em janeiro na capital gaúcha

ANUÁRIO DE INVESTIMENTOS DO RIO GRANDE DO SUL

Eduardo Torres
eduardo.torres@jc.com.br

PATRÍCIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC



The Almer terá 84 suítes com vista para os campos de golfe do Country Club

Com vista privilegiada para os campos de golfe do Country Club e localizado próximo ao Shopping Iguatemi, na Avenida Nilo Peçanha, em Porto Alegre, o The Almer abre suas portas em janeiro, como noticiou a coluna Minuto Varejo em setembro, marcando a estreia do Grupo ICH Hotéis no segmento de luxo. O empreendimento é resultado de um investimento de R$ 130 milhões, realizado em parceria com a incorporadora CFL e investidores.

De acordo com o CEO do Grupo ICH, Alexandre Gehlen, em janeiro, o hotel terá a abertura em soft opening e a expectativa é de que, em março de 2027, a operação esteja a pleno.

"Somos de Porto Alegre e é motivo de grande orgulho dar este passo em direção a uma nova categoria de hotelaria, a de luxo, começando pela nossa própria cidade. É um projeto que busca resgatar uma hotelaria mais robusta, com uma proposta de luxo sossegado e silencioso. A propriedade e sua localização não poderiam ser mais adequadas para traduzir esse conceito", comenta o executivo.

Serão 84 suítes com vista para os campos. O The Almer contará com restaurante de alto padrão, especializado em carnes e aberto ao público. A área do café da manhã, em harmonia com os campos de golfe, também deve ser um novo serviço oferecido para os porto-alegrenses, além dos hóspedes. As instalações terão spa, academia e rooftop com estrutura mais exclusiva aos hóspedes.

Fundado no Rio Grande do Sul há 25 anos, o Grupo ICH administra atualmente 45 hotéis no Brasil, reunindo as bandeiras Intercity, Yoo2, Tru by Hilton no Brasil, Hil, Cityhome e, agora, The Almer. A marca tem sua segunda unidade prevista, com empreendimento em Jurerê Internacional, em Santa Catarina.

O investimento na Capital é o único da rede no Rio Grande do Sul este ano. Há previsão de inauguração em breve, por exemplo, de unidades Intercity em Brasília e Goianésia, além de duas unidades Tru By Hilton em São Paulo e uma em Pato Branco, Paraná.

LIANE NEVES/DIVULGAÇÃO/JC



Alexandre Gehlen estima estar com a operação a pleno em março

Ficha técnica

- **Investimento:** R$ 130 milhões
- **Estágio:** em execução
- **Público ou privado:** privado
- **Empresa:** Grupo ICH Hotéis
- **Cidade:** Porto Alegre
- **Área:** Varejo/Serviços